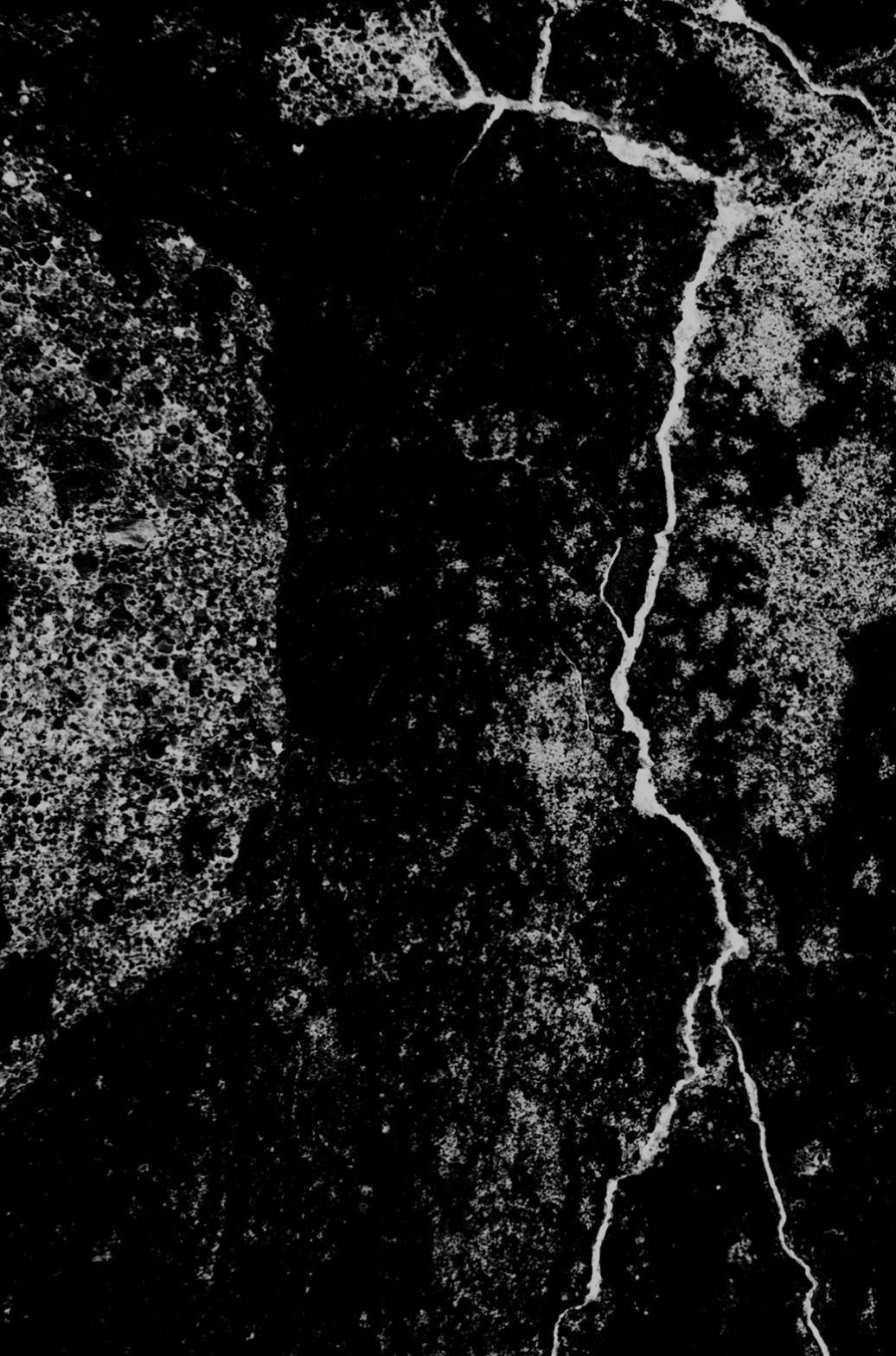


A débil mental

Romance



Ariana Harwicz

A débil mental

Romance

TRADUÇÃO

Francesca Angiolillo

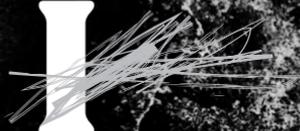
609 instante



Sumário

I	7
II	35
III	59
Sobre a autora	95

I



NÃO VENHO DE LUGAR ALGUM. O mundo é uma caverna, um coração de pedra que esmaga, uma vertigem plana. O mundo é uma lua cortada a chibatadas negras, flechadas e tiros de escopeta. Quanto se tem que cavar para chegar ao desprezo, para fazer com que meus dias queimem. Eu poderia ter nascido com olhos brancos como este bosque de pinheiros lisos e, no entanto, sou acordada pelas cinzas de um vulcão sobre os trevos do jardim. E, no entanto, mamãe arranca mechas de cabelo e as lança ao fogo. O dia começa, sou um bebê, e mamãe está sentada de costas em sua poltrona e chora. Acordo menina, lá fora as lavandas, dentro mamãe e seus cabelos negros entre as brasas. Por toda parte há extratos de nuvens, baixas e brancas, altas e passageiras, escuras e a meia altura. Invento uma vida nas nuvens sentada no meu clitóris. Vibro, me agito, me trato com morfina nos dedos e, nesse intervalo, tudo está bem. Minha mão dentro

de mim é mil vezes sua cara dentro de mim, quanto se pode possuir uma cara, quanto se pode meter uma cara no sexo. Durante esse tempo o capim é capim, e posso correr no meio das pastagens. Das mil maneiras de existir que há, essa foi a que me tocou, não reconheço ninguém e, quando me ataca o grande desespero, vivo em qualquer lugar. Mamãe parou de chorar, já ando sozinha, já falo, já usamos as mesmas roupas. Quero que ele volte contrariando todos os prognósticos, contrariando todo o luto, quero que seus olhos me desterrem e quero ver a ponta das árvores. Minha cabeça gira. Minha cabeça indo a pique emperra. De repente, tenho o tom de uma morta. A cara inchada de uma viciada na banheira. O corpo épico da que vai pular no vazio rochoso. De repente, noto que é meio-dia e os olhos azuis das lebres brilham frios e saio para comer, mas é passado. Começo a rezar, ou será que estou apaixonada. Peço que cuspa em mim, que me quebre a cara com uma bofetada. Fico olhando para ele. Não estou doida, só possuída, é sempre a mesma resposta. Estou entediada, mamãe. Meu cérebro são mariposas em um jarro e se enforcam.

MAMÃE E O CARA SE AGARRAM PELO PESCOÇO e se esfregam contra o piso de cimento escorregadio. O cara termina com mamãe olhando para o alto e tudo começa. Ponhamos um microscópio no meu corpo amorfo nesta tarde de moscas

lentas. Poderiam pendurá-lo na sala como quadros abstratos. A esta hora aparecem árvores quentes, folhas escorregadiças, me escondo dela. Eu a ouço gritar. Estou andando no monte, para onde. Por ora há somente o barulho do vento no cume e alguns cantos. Por ora o misticismo dura e são formigas no meu braço. Se você gosta de viver em um sonho, fica aí, protesta e se fecha, e tudo é fumaça sem ela. Tenho sempre essa lembrança de febre da infância em um carro incendiado. O olhar de mamãe de frente, mamãe na nuca feito um inseto de carapaça dura. O olhar de mamãe fumando no assento de couro falso rasgado do trem. Eu acordada no carro fechado, sem poder falar, os vizinhos chamando a polícia. Eu me mexo mansa, onde está agora. Eu me agacho para beijar a terra. Como é possível este desejo repetitivo, incômodo, o primo idiota da família que vem interromper os cafés da manhã ao sol com croissants de marmelo e acaba se atirando da varanda. O primo profundamente retardado que toca o nariz dizendo nariz. Este desejo epilético, este desejo deformado, um deficiente desejante e babão que para levantar são necessários dois e que se tem que carregar como um carrinho de mão para poder trepar em cima do colchão mole. E, no entanto, não tem nada mais para fazer além de trepar comigo, de me desejar da sua cadeira. E, no entanto, a auréola densa e transparente no colchão, prova de que vivo. Preparo o dedo, mas penso tanto que depois me esvaio. A ideia do desejo sobre o desejo me deixa maluca, parasita com olheiras até o

pescoço. Mamãe, onde você me enfiou, estou chateada, trabalhei nove horas em pé, os empregados precisam de descanso. Mamãe, tá morno, tá morno, tá quente... queimou. Se me visse teria medo, exalo um ódio impressionante. Se você quer ficar nos sonhos, vai lá, me xinga da sua ratoeira.

PORQUE SOMOS TÃO BOBAS diante das gôndolas sem saber o que comer? Por que compramos manjeriço e salsinha industrializados se temos na horta?, e rimos. Morrer é uma boa opção quando ela derruba todos os vidrinhos de tempero, que levantamos um a um como partículas de esqueletos e ficamos com alho entre os dedos. Deitar-me na areia, sobre a relva curta, sobre a terra seca. Deixar de lutar com os braços de mamãe. Tento me concentrar no gosto das abobrinhas. Estão frescas, digo. Quase não usei azeite, diz, um fiozinho só. Olha o pasto, olha como cresce por partes, que estranho, tem pedaços secos, como se o sol só tivesse batido ali, tem partes afundadas, como pântanos. Mistério, filha, para que perguntar mais. Bom apetite. Parece que as galinhas estão com fome, não param de piar. Comemos, indo e vindo da mão para a boca. Onde está meu telefone, mamãe. Não está. A gente disse que ia fazer assim, estamos fazendo muito bem as duas, põe um pouco de sal. Também não pergunto pelos copos bundudos. Mamãe. Ele pode ter ligado. Se concentra. Olha para um ponto no

espaço e vamos continuar jantando. Fizemos bem em comprar esta mesa retangular, né? Com as cadeiras não foi cara, falta um guarda-sol e talvez uma espreguiçadeira. Amarelas ou listradas? Assim damos um toque de cor. Dizem que a cor dá vida. Que palhaçada. Ou de bolinhas? Olho para um ponto no espaço e? Nada existe. A sensação de que se afasta é uma punhalada seca no estômago. Você se enche de imagens que são uma porcaria pra tua saúde, por que em vez disso você não se concentra na menina alegre e tolinha que você era antes de conhecê-lo montando hospitais para formigas agonizantes? Não estraga este jantar, que mal-gradecida ele te torna, que sujeita mais ríspida. Não era alegre. Cozinho em vez de requentar e nem um obrigado.

TIRAMOS A MESA entre grilos. Que sorte tenho que não haja um filho, um prato a menos, nada de restos grudados, nenhuma voz cortando a minha. Nada que me suceda quando eu arrancar minha cabeça de um puxão. Cresce algo branco, uma neblina que nos come, lá atrás, que nos envolve, que nos arrasa na estepe. Minha mãe se lembra rindo de quando meu corpinho ainda com o cordão roxo escorregou de suas mãos, tudo remete a isso, a faquinhas debaixo d'água, a enguias. As duas lavando os pratos com detergente barato e luvas, as duas guardando os talheres nas gavetas com divisórias, garfo com garfo, dizemos cantando, colher com colher, e fazemos o

passinho de dança como uma tarantela. As duas indo tomar uma garrafa de pastis lá fora, nada acontece. Basta algo minúsculo para ser infeliz, uma abelha que pica o cotovelo, um copo que se quebra com o vento, ou as janelas e portas que ficam quietas. Uma na rede, a outra espera sua vez no banco. As duas quentes, desde o couro cabeludo, as duas porcas abandonadas. Duas lindas raposinhas de focinho laranja. Duas alérgicas. Na verdade, sonhando que entram dois indivíduos de chapéu de aba larga pela porteira, pedem licença e começam a nos violar contra as cadeiras, contra a gangorra de madeira na pérgola, uma por trás, a filha pela frente. Contra a pia enfiam algo na mamãe, um taco de beisebol do loiro, e ela não gosta muito, mas se esforça para que ele veja que goza. Nada tem importância enquanto nos vemos possuir os olhos afrontados e negros. Eles nos pegam pelas axilas, nos viram, e nossos longos cabelos caem como cortinados tenebrosos contra a forragem. Ainda tem uísque na despensa, filha? Que bom que sua infância já passou, que alegria que tudo fique tão para trás que quase não tenha acontecido, que já não faça parte desta vida aquele cheiro de eucalipto molhado de quando você prendeu o dedo na porta automática. Aquele cheiro de lona quente, de borracha, de lugar onde se aluga bicicleta. Aquele cheiro de amendoim caramelizado, de maçã, de açúcar cor-de-rosa. Desde que você nasceu esperei por este momento. Fomos ou não aos bancos de areia quando você fez seis anos?